



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

29 de Julho 2014



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Artigo	Data: 29/07/2014
Assunto: PNE		Página: 17

## DIÁRIO CATARINENSE

# Plano para a educação brasileira

O Plano Nacional de Educação (PNE) foi aprovado com suas metas e estratégias para garantir avanços para a educação brasileira até 2024. Não compete mais discutir a demora na aprovação ou o conteúdo. Cabe agora a todos envidar esforços para que suas metas sejam atingidas. O PNE, para ser efetivo, exigirá a participação de toda a sociedade. Ainda que o poder público, nas esferas municipal, estadual e federal, tenha a responsabilidade primária da execução, não terá capacidade de realizar as aspirações educacionais expressas no plano se não houver envolvimento dos cidadãos: pais e professores, membros de entidades não governamentais, lideranças comunitárias e políticas.

O Brasil, ao longo das últimas décadas, estabeleceu um robusto sistema de avaliação que permite acompanhar o desempenho educacional das escolas e universidades, possibilitando, a partir das avaliações, a implementação de ações de melhoria dos resultados. Porém, o país ainda peca em passos fundamentais para garantir ação consistente, tais como: base curricular comum, processo de alfabeti-



**EDUARDO DESCHAMPS**

Secretário de Estado da Educação. Morador de Florianópolis

**Ao longo das últimas décadas, o Brasil estabeleceu um robusto sistema de avaliação. Porém, ainda peca em passos fundamentais para garantir ação consistente.**

O Brasil possui um déficit educacional histórico que se reflete nos resultados das avaliações educacionais internacionais, como o Pisa. Assim, o PNE deve ser observado por meio de dois olhares: as metas que resultarão na melhoria da qualidade futura (como as relativas à alfabetização) e aquelas que resultarão na busca de parcelas da população que não tiveram, no seu devido tempo, acesso à educação em um patamar mínimo de qualidade.

Tudo isso amarrado à ampliação do investimento na educação, exigindo uma responsabilidade redobrada dos gestores educacionais, deve resultar em um efetivo avanço da educação das crianças e dos jovens.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> A Notícia	<b>Editoria:</b> Portal	<b>Data:</b> 29/07/2014
<b>Assunto:</b> Descontos		<b>Página:</b> 03

# A NOTÍCIA

### SÓ MEIA

Os professores de Joinville das redes privada e pública têm direito agora a meia-entrada em cinemas, espetáculos, teatros, shows e demais eventos culturais. A lei, nascida de projeto de Fabio Dalonso, também prevê que no máximo 10% da lotação da casa podem ser ocupados pelos professores beneficiados.



Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Especial	Data: 29/07/2014
Assunto: Matemática		Página: 03

## Notícias do Dia

# Feras da matemática

**FELIPE ALVES**

[Felipe.alves@noticiasdodia.com.br](mailto:Felipe.alves@noticiasdodia.com.br)

 @felipecalves\_ND

Beatriz Carla Koch, de 16 anos, seguiu os passos da irmã participando de olimpíadas de matemática desde a quinta série. Agora, no terceiro ano do ensino médio, depois de seis medalhas acumuladas ao longo dos anos, ela participa do 4º Encontro do Hotel de Hilbert que, até sexta-feira, reúne 219 alunos da rede pública de ensino do

Brasil na Capital. Os alunos craques em matemática são escolhidos pelo desempenho em cursos oferecidos após participarem da Obmep (Olimpiada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas) e a recompensa é uma semana de aulas, desafios, provas e gincanas.

Nos encontros, os alunos têm contato com professores e estudantes de todo o país. "Aprendemos coisas bem diferentes, que geralmente não estão no currículo escolar. Além do aprendizado, tem

a questão da confraternização com outros colegas, que é muito bacana", diz Bruna Inácio Trajano, de 16 anos, que cursa o terceiro ano do ensino médio no Instituto Federal Catarinense de Sombrio, e conheceu Beatriz há dois anos, no evento que foi realizado no Rio de Janeiro. Bruna participa das competições de matemática desde a quinta série e, depois de algum tempo, também começou a competir na Olimpíada Catarinense de Química, o que a levou

a escolher o curso que pretende cursar: química industrial.

Segundo Ana Catarina Hellmeister, coordenadora do PIC (Programa de Iniciação Científica Júnior), que faz a seleção dos alunos, os cinco dias de encontro são uma oportunidade rara para estes alunos de escola pública, que têm a chance de conhecer diferentes aspectos da matemática. "A matemática é a ciência básica de tudo e aqui eles entram em contato com informações e conceitos de pesqui-

sa pura e aplicada que geralmente não teriam em outro lugar", avalia.

Participam deste encontro seis alunos de Santa Catarina (dois de Chapecó, um de Taió, um de Porto Belo, um de Witmarsum e um de São João do Sul). O Estado apresentou o maior crescimento no número de medalhas de ouro na Obmep de 2013. Em 2012, 19 alunos conquistaram o ouro, já no ano passado foram 26. Joinville, com sete alunos medalhistas de ouro, foi destaque em todo o país.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** Notícias do Dia

**Editoria:** Especial

**Data:** 29/07/2014

**Assunto:** Matemática

**Página:** 03

# Notícias do Dia

## Recompensa pelos melhores desempenhos

O Encontro do Hotel de Hilbert surgiu em 2011 como uma forma de recompensa para os alunos com melhor desempenho em matemática no país. O evento, que recebe o nome em homenagem a David Hilbert, um dos maiores matemáticos do Século 20, reúne sempre cerca de 200 alunos, de 11 a 18 anos, classificados no PIC (Programa de Iniciação Científica Júnior). O PIC também é uma recompensa aos cerca de 4.500 alunos que receberam medalhas de ouro, prata, bronze ou de mérito durante a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

Os alunos que participam do PIC recebem um ano de treinamento com professores universitários de

matemática, aulas on-line, fazem testes e participam de fóruns. Os melhores classificados têm todos os custos pagos pelo Ministério da Educação e pelo Ministério de Ciência e Tecnologia para participar do Encontro do Hotel de Hilbert, por meio do Impa (Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada).

A atividade que mais mobiliza os alunos é o chamado "Problema do Dia", em que eles tentam resolver diariamente um problema de raciocínio lógico. "Além disso, temos a gincaninha, em que são propostos problemas e ganha quem resolver mais rápido. No fim do evento, eles são premiados com livros e tablets", explica Ana Catarina Hellmeister.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Todos pela Educação	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 29/07/2014
<b>Assunto:</b> Qualidade na rede pública		<b>Página:</b> Online



### OPINIÃO: AS MELHORES REDES PÚBLICAS

**"Estudo identifica as cidades com gestão do ensino mais eficiente. Entre capitais, Palmas e Teresina se destacam. São Paulo fica entre as piores", afirma Antônio Gois**

Fonte: O Globo (RJ)

Ao fim do ensino fundamental, a média das escolas municipais e estaduais no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2011 foi de 4,2 na cidade de São Paulo e de 3,9 em Teresina.

A simples comparação desses números do principal indicador de qualidade do MEC pode nos levar a crer que os alunos paulistanos estudam, em geral, em colégios um pouco melhores. Já é um feito digno de nota a capital do Piauí estar tão perto de São Paulo em termos de qualidade do ensino. Porém, um olhar mais sofisticado sobre os dados revela que, na realidade, o que há é uma enorme distância entre as duas redes públicas em favor de Teresina.

Essa conclusão é possível a partir de um estudo dos pesquisadores José Francisco Soares (hoje presidente do Inep, mas na época da pesquisa ainda na UFMG) e Maria Teresa Gonzaga Alves (UFMG). Eles analisaram a eficiência das redes de ensino públicas dentro dos municípios brasileiros. O trabalho parte de um princípio já consagrado na avaliação educacional: o principal fator determinante do desempenho escolar é o nível socioeconômico dos alunos. Em outras palavras, escolas que atendem filhos de pais de maior renda e escolaridade têm uma grande vantagem, que nada têm a ver com a qualidade do trabalho dentro da escola, em relação às demais.

Diante desta evidência tão robusta, os dois pesquisadores confrontaram os dados de aprendizado dos estudantes com um indicador do nível socioeconômico de suas famílias para calcular qual o efeito das escolas no desempenho final. Ao fazer essa comparação, foi possível identificar se as redes públicas apresentavam resultados melhores ou piores do que se esperaria caso o desempenho médio dos seus alunos refletisse perfeitamente somente o nível socioeconômico das famílias.

Nessa comparação, que capta com mais precisão a eficiência da gestão e a qualidade do ensino, as capitais com melhores resultados no ensino fundamental são, pela



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

ordem, Palmas, Teresina, Campo Grande, Fortaleza e Rio de Janeiro, todas com médias finais na Prova Brasil acima do que se esperaria a partir do perfil dos alunos que atendem. No outro extremo, aparecem Recife, Florianópolis, Cuiabá, São Paulo e, por último, Macapá.

Soares e Maria Teresa Alves fizeram esse cálculo também para os demais municípios do país. O melhor é um já bastante conhecido pelo desempenho nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática: Cocal dos Alves (PI). No conjunto, no entanto, as redes públicas mais eficientes estão em cidades mineiras de pequeno porte, que ocupam 91 das 100 melhores posições.

Das cidades de médio porte com bom desempenho, os pesquisadores citam Sobral (CE), Patos de Minas (MG), Conselheiro Lafaiete (MG), Ubá (MG), Muriaé (MG), Sertãozinho (SP), Rio das Ostras (RJ), Nova Friburgo (RJ), Toledo (PR) e Foz do Iguaçu (PR).

Os dados da pesquisa são interessantes também para comparar cidades de perfil semelhante. Teresina e São Luís, por exemplo, têm um número de escolas parecido e são ambas capitais de estados nordestinos de indicadores sociais baixos. No entanto, Teresina consegue fazer seus estudantes mais pobres avançarem mais do que se esperaria apenas pelo nível de renda deles, enquanto em São Luís acontece o oposto.

Os efeitos da pobreza não podem ser minimizados e ela é responsável, em boa parte, pelo mau desempenho de algumas redes. Mas não explica tudo, como provam Soares e Maria Teresa Alves ao identificar gestões mais e menos eficientes no setor público.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Consed	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 29/07/2014
<b>Assunto:</b> Financiamento da educação básica		<b>Página:</b> Online



### **Resolução que fixa as ponderações do Fundeb é aprovada e publicada**

*Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade composta por MEC, Consed e Undime aprova resolução por unanimidade.*

Fonte – UOL

A Resolução 1/2014, que fixa as ponderações do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), foi aprovada pela Comissão Intergovernamental de Financiamento para a Educação Básica de Qualidade, instituída pela Lei do Fundeb, em reunião no último dia 24 de julho realizada na sede do MEC, em Brasília.

Com vigência para o exercício de 2015, o texto não altera nenhuma das dezenove ponderações utilizadas para redistribuição dos recursos do Fundeb. O Consed este representado pelos presidentes regionais. Durante o encontro foram discutidos pontos que consolidem o Sistema Nacional de Educação.

A Comissão Intergovernamental é composta por um representante do Ministério da Educação (MEC), cinco representantes do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e cinco representantes da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime). Entre as atribuições estão a definição dos fatores de ponderação aplicáveis entre etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino; a fixação anual do limite de apropriação de recursos pelas etapas, modalidades e tipos de estabelecimento de ensino; e fixação da parcela de complementação da União a ser distribuída por meio de programas direcionados para a melhoria da qualidade da educação básica.

A resolução foi publicada no dia seguinte no Diário Oficial da União (DOU).



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> R7	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 29/07/2014
<b>Assunto:</b> Discriminação		<b>Página:</b> Online



### **Mulheres são maioria, mas continuam longe da direção das universidades**

*Discriminação sexual, falta de apoio e preconceito são fatores que prejudicam carreira*

Em alguns países da América Latina as mulheres já representam cerca de 60% dos alunos que cursam ensino superior. Apesar disso, especialistas reunidos em um encontro de reitores realizado na última segunda-feira (28), apontaram que só 14% delas ocupam cargos catedráticos nas instituições de ensino superior da região.

Nas universidades brasileiras, as mulheres são maioria há pelo menos duas décadas. Dados do MEC (Ministério da Educação) mostram que em 2012 o número de formandos do sexo feminino chegou a 61,2% do total.

Para o presidente da Universidade de Yale, Peter Salovey, abusos e discriminação sexual ainda atrapalham a carreira universitária das mulheres.

Ele pondera que a presença feminina em cargos de destaque dentro das instituições de ensino superior poderia aumentar se elas adotassem novos modelos.

— Hoje temos um modelo único que não é muito flexível. Outras áreas carreiras como a advocacia se tornaram mais maleáveis. Nos EUA, por exemplo, já existem escritórios que permitem que as advogadas fiquem com seus filhos parte do dia.

Andrew Hamilton, da universidade de Oxford, lembra que o comando feminino também tem que superar barreiras presentes no inconsciente coletivo.

Já Bernhard Eitel, reitor de Heidelberg (Alemanha), comentou que a instituição tenta facilitar a vida das pesquisadoras dando apoio familiar para elas.

— Em Heidelberg temos 300 apartamentos para as famílias das nossas cientistas. Dizemos a elas para trazerem as crianças se puderem, que nós cuidaremos delas até o final do doutorado.

#### **Pesquisa**

Uma pesquisa realizada pelo Universia antes do encontro de reitores mostra que 57% dos estudantes consideram que as mulheres não são discriminadas no que se refere ao acesso à universidade. Destes, 26,9% acreditam que elas “são pouco discriminadas”, outros 10,7%



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

apontaram que as mulheres são “um pouco discriminadas”, 2,6% atestaram que são bastante discriminadas, ára 0,8% elas são “muito discriminadas” e 2% não souberam responder.

Estes dados foram colhidos em questionários enviados a mais de 13 mil estudantes, 5.614 professores e 2.766 pais.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> R7	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 29/07/2014
<b>Assunto:</b> Educação fora do ambiente escolar		<b>Página:</b> Online



### **Tecnologia permite que alunos com doenças graves tenham aula fora da escola**

*Afastados da classe pelo câncer, Ricardo e Alanna mantiveram interação com colegas*

Quando estava no 6º ano do ensino fundamental, o estudante Ricardo (nome usado para preservar identidade da criança) foi diagnosticado com leucemia. O tratamento da doença exigia transplante de medula e, conseqüentemente, o afastamento do ambiente escolar por um período de, no mínimo, sete meses.

Meses depois, na mesma escola em que ele estudava outra aluna teve uma doença grave. Alanna Anders, que cursava o 1º ano do ensino fundamental, foi diagnosticada com um câncer raro que afeta os rins.

A escola resolveu então tomar uma providência: utilizar meios tecnológicos para garantir a participação dos alunos nas aulas, estando eles em casa ou no hospital.

Roberto, que usou a tecnologia primeiro, tinha um tablet e acessava o espaço virtual de estudos disponibilizado pela escola nos momentos em que estava se sentindo melhor, conta Renata Pastore, diretoria geral de tecnologia educacional do Colégio Porto Seguro.

— Pensamos em montar uma sala de aula online no Moodle [plataforma de compartilhamento de conteúdos online] da escola. A ideia era fazer uma ponte entre a escola e o aluno.

A plataforma traz exercícios de fixação que dão apoio ao conteúdo aprendido na sala de aula. A instituição montou um ambiente online de estudos só para os alunos que passavam por tratamento médico, mas normalmente cada classe da escola tem uma sala de aula online no ambiente virtual.

Utilizando um tablet emprestado pela escola, Alanna teve acesso a exercícios no Moodle direcionados à continuidade da alfabetização. Também eram transmitidas a ela as mesmas atividades que estavam sendo feitas em sala de aula pelos seus seus colegas de turma.

Meu filho é um gênio: saiba como é a vida das mães de superdotados

— A gente sabia que não ter acesso a nenhum tipo de conteúdo durante o tratamento iria dificultar a passagem dela para o segundo ano. Achávamos que a parte emocional também ficaria prejudicada, porque ela perderia todo o contato com os amigos, diz Renata.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Além de ter acesso ao Moodle, algumas vezes, por semana Alanna se correspondia com os seus amigos de classe por meio de vídeo conferências feitas durante as aulas.

— Usar a plataforma em casa foi muito legal, porque eu via meus amigos, podia estudar e brincar com eles novamente. As matérias que mais gostei foram matemática e ciência, com os jogos e atividades, mas o mais legal mesmo foi rever meus amigos, com a aluna.

Segundo Juliana Ortiz, professora de Alanna, a experiência transformou todos os envolvidos.

— No início foi até engraçado, porque na rotina das crianças sempre pergunto ‘quem faltou’? E os alunos falavam ‘faltou a Alanna’. Com o passar dos dias, eles já não falavam mais isso, porque ela estaria presente [via videoconferência]. A turma se modificou muito ao longo desse período, foi um movimento muito cativante, conta.

### Além do conteúdo

As ações de inclusão com os alunos trouxeram resultados para além da compreensão do conteúdo. Sendo avaliados pelos professores por meio do Moodle, Ricardo e Alanna puderam passar de ano e retomar os estudos presenciais no colégio, ainda respeitando as necessidades dos tratamentos médicos.

Mas, acima de tudo, como comenta Telma Vinha, professora de psicologia educacional da Faculdade de Educação da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), os alunos foram amparados em um período de dificuldade e necessidade de recuperação.

— Para o estudante que está afastado o mais importante não será adquirir conteúdo, mas sim continuar a se sentir pertencente a esse grupo de alunos, perceber que os amigos e os professores se importam, estão preocupados e interagindo com ele. O amigo é sempre um fator de proteção para as crianças.

Segundo Telma, quando a escola demonstra uma preocupação sobre como é possível incluir à distância, ela está ensinando para os seus alunos a ideia da generosidade e acessibilidade.

Considerando instituições que não possuem um Moodle, César Nunes, assessor de informática educativa na rede municipal de educação de São Paulo, fala sobre experiências em escolas públicas.

— Nas escolas municipais de São Paulo, utilizamos o Edmodo, um ambiente de colaboração, e também o EducaPX, que é um espaço para alunos e professores publicarem sites.

— A Secretaria Municipal de Educação adota esses e outros softwares para facilitar a inclusão dos alunos. Eles são distribuídos para as escolas e ajudam a suprir diferentes necessidades.

### Ensino fundamental à distância



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Desde 1969 no Brasil, o decreto Lei nº 1.044 garante tratamento excepcional para os alunos que passam por doenças graves. O artigo 2º da lei possibilita a esses estudantes compensação da ausência às aulas e execução de exercícios em casa por meio do acompanhamento da escola. Os chamados exercícios domiciliares devem ser compatíveis com o estado de saúde do aluno e o local em que eles está se tratando.

Segundo Renata Pastore, as iniciativas desenvolvidas com Ricardo e Alanna no colégio Porto Seguro têm base nessa lei. A diretora acredita que o uso da tecnologia pode ser feito em atividades educacionais nos anos iniciais do ensino fundamental. Porém, faz uma avaliação específica sobre a educação à distância nessa fase do ensino.

— É importantíssimo que o aluno frequente a escola, porque um dos principais objetivos da escola é trabalhar o convívio social da criança. Então as crianças devem conviver com amigos e professores.



Veículo: Correio Lageano	Editoria: Opinião	Data: 29/07/2014
Assunto: Enem		Página: 12



## CORREIO LAGEANO

### *Enem: caminho de oportunidades*

**FABRICIO VIEIRA DE MORAES\***

As inscrições para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) superaram as expectativas para 2014. Foram inscritos, aproximadamente, 9,5 milhões de estudantes de todas as regiões do país. Desde a criação da avaliação, em 1998, o número de inscritos vem aumentando gradativamente. Para isso, alguns incentivos foram importantes.

Atualmente, há alguns possíveis caminhos que podem ser trilhados pelos estudantes: O aluno pode utilizá-la para se inscrever no Sistema de Seleção Unificado, por exemplo, que deve oferecer cerca de 130 mil vagas em mais de 100 Instituições de Ensino Superior só este ano.

Com essa possibilidade de romper com as fronteiras de acesso ao ensino público, uma questão sempre é apresentada pelas famílias: como fazer para subsidiar o filho em outra região do país? O primeiro aspecto que deve ser considerado é a conquista de uma vaga pública e a possibilidade do acesso ao ensino superior. É a primeira vez na história da Educação brasileira

que rompemos com as barreiras geográficas impostas pelos vestibulares bairristas!

E as famílias precisam saber que não estão desamparadas neste processo. As Universidades públicas oferecem possibilidades para os estudantes com baixa renda, como moradias estudantis, bolsas alimentação e participação em projetos de iniciação científica com bolsas



**As Universidades públicas oferecem possibilidades para os estudantes com baixa renda.**

subsidiadas pelo CNPQ. Além da oferta das vagas públicas, é possível ingressar nas universidades privadas tanto por meio do Proni quanto pelo Fies, programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. Nesse último caso, a maioria das universidades avalia o ingresso do estudante por meio da nota obtida no ENEM.

Há oportunidades não só no

Brasil, como também no exterior. Neste ano, algumas universidades portuguesas, como a Universidade de Coimbra, por exemplo, passaram a aceitar a nota do Enem em seus exames de seleção. Outro programa internacional é o 'Ciência sem Fronteiras', que possibilita ao aluno de graduação uma oportunidade de experiência fora do país. Nesse caso, o estudante precisa obter no Exame uma nota igual ou superior a 600 para concorrer a uma vaga.

Viajando o Brasil para falar com professores, alunos e famílias, pode identificar que o Enem já faz parte do dia-a-dia do estudante, mas que nem todas as oportunidades que existem a partir do exame estão bem compreendidas. Então, nada melhor do que buscar conhecer todos os possíveis caminhos do Ensino Superior para, assim, decidir qual é o melhor a ser seguido.

\* Gerente de Serviços Educacionais da Saralva

» Artigos podem ser enviados para [redacao@correiolageano.com.br](mailto:redacao@correiolageano.com.br) com assunto "Artigo do Leitor" e tamanho de 2.400 caracteres.